



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS ARAPIRACA
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

PLÍNIO HENRIQUE SILVA LIMA

**TRATO DO TEMA LUTAS EM AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR:
ASSOCIAÇÃO COM A PRÁTICA REGULAR E COM O ACESSO ÀS LUTAS NA
GRADUAÇÃO**

ARAPIRACA

2022

Plínio Henrique Silva Lima

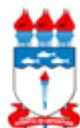
Trato do tema lutas em aulas de educação física escolar: associação com a prática regular e com o acesso às lutas na graduação

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado à Universidade Federal de Alagoas – *Campus* Arapiraca, como exigência para obtenção de graduação em Licenciatura em Educação Física.

Orientador: Prof. Me. Bruno Barbosa Giudicelli.

Arapiraca

2022



Universidade Federal de Alagoas – UFAL
Campus Arapiraca
Biblioteca *Campus* Arapiraca - BCA

L732t Lima, Plínio Henrique Silva
Trato do tema lutas em aulas de educação física escolar: associação com a prática regular e com o acesso às lutas na graduação / Plínio Henrique Silva Lima. – Arapiraca, 2022.
20 f.: il.

Orientador: Prof. Me. Bruno Barbosa Giudicelli.
Trabalho de Conclusão de Curso – Artigo científico (Licenciatura em Educação Física.) - Universidade Federal de Alagoas, *Campus* Arapiraca, Arapiraca, 2022.
Disponível em: Universidade Digital (UD) – UFAL (*Campus* Arapiraca).
Referências: f. 13-16.
Apêndices: f. 17-20.

1. Educação física 2. Luta (Esporte) 3. Esportes escolares I. Giudicelli, Bruno Barbosa II. Título.

CDU 796

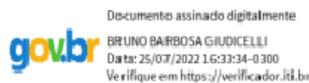
Plínio Henrique Silva Lima

Trato do tema lutas em aulas de educação física escolar: associação com a prática regular e com o acesso às lutas na graduação

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado à Universidade Federal de Alagoas – *Campus* Arapiraca, como exigência para obtenção de graduação em Licenciatura em Educação Física.

Data da Defesa: 22 de fevereiro de 2022.

Banca Examinadora



Prof. Me. Bruno Barbosa Giudicelli.

Universidade Federal de Alagoas – UFAL

Orientador

Prof. Dr. Leonardo Gomes de Oliveira Luz

Universidade Federal de Alagoas – UFAL

Examinador

Prof. Me. Bráulio Patrick da Silva Lima

Universidade Regional Brasileira - UNIRB

Examinador Externo

TRATO DO TEMA LUTAS EM AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: ASSOCIAÇÃO COM A PRÁTICA REGULAR E COM O ACESSO ÀS LUTAS NA GRADUAÇÃO

Plínio Henrique Silva Lima¹
Bruno Barbosa Giudicelli²

Resumo: As artes marciais são entendidas como as diversas possibilidades de sistematização de treinamento para combate, vinculados a uma cultura regional e filosofia de vida, sendo atualmente muito praticadas como esporte de rendimento. Partindo da premissa presente na legislação vigente, mais especificamente na BNCC 2017 (Base Nacional Curricular Comum), que afirma que o professor de educação física não precisa ser atleta ou graduado em artes marciais para tratar desse conteúdo em suas aulas, O presente estudo é um recorte de uma pesquisa quantitativa mais ampla, tendo como campo de pesquisa escolas públicas de Arapiraca e região circunvizinha, no Estado de Alagoas, Brasil. Este artigo visa analisar a associação existente entre três elementos, sendo eles: a prática regular de lutas por professores de educação física e o acesso que estes professores tiveram às lutas durante a graduação com a possibilidade de estes docentes escolherem abordar as lutas em aulas de educação física. Como instrumento para a coleta de dados foi utilizado questionário fechado com questões de múltipla escolha. Este artigo, por meio de sua pesquisa, revela o impacto da prática e do acesso às lutas na graduação com a opção dos docentes em ministrar aulas de lutas dentro das escolas.

Palavras-chave: educação física; luta (esporte); ensino; esportes escolares.

1 INTRODUÇÃO

As artes marciais são entendidas como as diversas possibilidades de sistematização de treinamento para combate, vinculados a uma cultura regional e filosofia de vida, sendo atualmente muito praticadas como esporte de rendimento. Os esportes de combate são esportes de contato físico, com regras e medidas de segurança que visam a integridade e proteção de seus atletas. Já as lutas podem ser consideradas como qualquer manifestação corporal de combate entre dois indivíduos ou mais, seja ele contra humano ou contra animal, com técnica ou sem, sendo um exemplo a briga de rua, aleatória e sem regras.

A unidade temática Lutas focaliza as disputas corporais, nas quais os participantes empregam técnicas, táticas e estratégias específicas para imobilizar, desequilibrar, atingir ou excluir o oponente de um determinado espaço, combinando ações de ataque e defesa dirigidas ao corpo do adversário. (BNCC, p. 218)

“De modo geral, toda arte marcial pode ser classificada como luta, mas nem toda luta pode ser classificada como arte marcial” (ROSSETO, 2017), que independente de seu país de origem, tem um componente filosófico em sua fundamentação. Para Martins (2010) “a maior herança que os samurais deixaram para a sociedade japonesa e para as Artes Marciais foi o estilo de vida e o código de honra pelo qual eram regidos, o bushido”. No entanto, com o passar do tempo, as técnicas se sobressaíram à filosofia e nas práticas modernas elas ganharam um status de modalidades de Esportes de Combate.

1 Graduando da licenciatura em Educação Física da Universidade Federal de Alagoas – *Campus* Arapiraca. E-mail: plinio.lima@arapiraca.ufal.br

2 Mestre em Educação física. Prof. da Universidade Federal de Alagoas – *Campus* Arapiraca. E-mail: plinio.giudicelli@arapiraca.ufal.br

Segundo Sugai (2008 a, p.185):

[...] esse código não era um documento escrito, a não ser em algumas poucas notas. Eram os princípios morais que norteavam a conduta dos Guerreiros, com suas vivências e experiências aperfeiçoadas ao longo de centenas de anos e transmitidas aos mais jovens como exemplo de formação do espírito do samurai.

O ensino das artes marciais tem uma grande filosofia de vida, pois, conforme explica Lee (2003), “o objetivo da arte é projetar uma visão interior para o mundo; declarar, numa criação estética, o espírito mais íntimo e as experiências pessoais de um ser humano.” Estas mesmas diferenças são citadas por Cazetto (2009), que ainda esclarece que “o termo lutas é mais usado no Ocidente, com o sentido de ato de combate, o termo artes marcial extrapola a ideia de ato de combate.” Com isso percebemos que o objetivo principal de algumas artes marciais que adotam budô (Atual código de honra das artes marciais inspirado no Bushido dos antigos samurais), é a civilidade e a formação do caráter de seus praticantes, pois executar golpes extraordinários, derrotar oponentes ou se tornar campeão, não são seus objetivos principais. Nelas, o nível mais avançado dos praticantes deve ser a harmonia entre um corpo forte e uma mente sã, dando origem ao ideograma Shin-Gi-Tai, a união de Mente/Espírito, Técnica e Corpo no mesmo treinamento.

Acredita-se que o ser humano aprimorou e enriqueceu suas técnicas de artes marciais observando e imitando o combate entre animais, segundo Moreira (2005) “no ano 520 o monge budista Bodhidharma, também conhecido como Daruma, viajou da Índia para a china para ensinar o budismo no templo Shaolin”. Segundo Lima (2000 apud Moreira 2003), “o templo ficava na floresta e os monges precisavam defender-se dos animais e de assaltantes. Assim sendo, criaram técnicas de autodefesa baseadas nos próprios movimentos dos animais e nas forças da natureza”.

[...] Entre os Peichin (casta guerreira do Ryukyu), havia o costume de se passar os conhecimentos marciais, [...] apenas para os primogênitos de cada família. Esse costume chamava-se Isshi-soden. Nesse contato com os chineses, incorporaram parcialmente a ideia de que existiam artes marciais internas (Nei-jia) e artes marciais externas (Wai-jia). (FROSI, 2018, p. 1).

“Com a proibição do Isshi-soden, Anko Itosu formulou os ‘Dez Artigos sobre o Tode’ introduzindo o ‘Karate primitivo’ no sistema educacional da época, possibilitando o ensino dessa arte nas escolas de Okinawa.” (FROSI, 2018, p. 1).

Conhecendo o contexto histórico das artes marciais, percebe-se que as lutas se tornaram um grande instrumento pedagógico para a educação. Atualmente, de acordo com a Base Nacional Curricular Comum (BNCC, 2017), documento normativo que apresenta as diretrizes da educação nacional,

[...] as práticas foram trabalhadas visando: à identificação de suas origens e dos modos como podem ser aprendidas; ao reconhecimento dos modos de viver e perceber o mundo a elas subjacentes; ao compartilhamento de valores, condutas e emoções nelas expressos; à percepção das marcas identitárias e à desconstrução de preconceitos e estereótipos nelas presentes; e, também, à reflexão crítica a respeito das relações práticas corporais, mídia e consumo, como também quanto a padrões de beleza, exercício, desempenho físico e saúde (BNCC, 2017, p. 483).

Na aula de Educação Física as lutas também podem desenvolver nos estudantes: respeito, cidadania, consciência e controle emocional que irão influenciar a formação de um cidadão. Ao educar crianças e jovens através das práticas das lutas, o professor estará reforçando a construção da cidadania e implantando valores éticos. (FERREIRA, 2012, p. 47).

Segundo DARIDO (2011) os conteúdos das aulas de Educação Física devem ser divididos em 3 dimensões: conceitual, procedimental e atitudinal, sendo a dimensão conceitual voltada para os fatos e conceitos, a procedimental voltada para o fazer e a atitudinal relacionada aos valores e atitudes. Essa separação dimensional proposta serve apenas para nortear o professor no planejamento e roteiro das aulas, na realidade prática essas dimensões são indissociáveis.

Relacionando para o conteúdo das artes marciais, CARREIRO (2011) sugere da seguinte forma:

- Conceitual: história e origem das artes marciais; fundamentos básicos de ataque e defesa da modalidade escolhida; regras da modalidade; medidas de segurança; aspectos culturais das lutas, entendimento da relação das lutas com a saúde e qualidade de vida, entre outros.
- Procedimental: Vivência e aprendizado dos gestos e movimentos básicos da modalidade escolhida; Jogos e brincadeiras de combate ou oposição; Incremento global das habilidades corporais, entre outros.
- Atitudinal: Apreciação do autoconhecimento, disciplina, autocontrole na vida cotidiana; Respeito às regras, normas e colegas; Conhecimento das capacidades e limitações corporais; Comportamento pacifista e antiviolação tendo a consciência de que jamais utilizarão os golpes que podem ser altamente lesivos e até letais.

Ainda, Rossetto (2017) definiu cinco princípios norteadores: o princípio axiológico, princípio da individualidade, o princípio da totalidade, o princípio agonístico e o princípio da ludicidade. Destaca que estes princípios estão intimamente ligados ao ensino das artes marciais, pois interagem entre si. Por isso, é impossível trabalhá-los de forma independente, visto que um completa o outro.

O princípio axiológico é básico para compreender o quão vasta é a arte marcial e toda sua capacidade e possibilidades de ensino. Nesse sentido, vale ressaltar que o pilar axiológico se aproxima muito mais do aspecto “arte” do que do aspecto “marcial”, inerente nas artes marciais. (ROSSETTO, 2017)

A criança precisa entender que vitorioso não é apenas aquele que atinge maior pontuação em um combate, mas também aquele que durante o treinamento deu o melhor de si, superou suas próprias expectativas e conseguiu evoluir como lutador, que hoje está melhor que ontem. Além disso, ela deve ser ensinada que os maus hábitos da sociedade moderna podem acabar diminuindo seu rendimento como lutador.

A criança também deve ser ensinada a perceber por que o seu rendimento pode aumentar ou diminuir, para que, segundo Seybold (1994), “ao aspirar um rendimento melhor, naturalmente se afaste de vícios e opte por uma vida disciplinada”. Os ensinamentos do professor devem servir pra um aprendizado que vai além da aula de artes marciais, devem ser levados para a vida pessoal, pois no cotidiano existem vários momentos onde a criança irá se deparar com vitórias ou derrotas.

No princípio da individualidade segundo Seybold (1994), “a função do professor é reconhecer e identificar estas diferenças, para que, a partir delas, eleja os meios com os quais auxiliará seus alunos no aprendizado”. Conforme Neuenfeldt (2008), um ponto de partida é ensinar aos alunos que as diferenças existem, que cada um tem seu ritmo, suas qualidades, seus pontos fracos, o que é algo normal.

O sistema de graduação por faixas coloridas além de ajudar o professor a organizar cada grupo e estruturar melhor suas aulas, ajudam as crianças a não se sentirem desmotivadas, pois elas perceberão sua evolução através das graduações ou avanços de faixa. Também pode-se dizer que há uma hierarquia entre os níveis mais avançados e os principiantes, onde os mais

graduados devem respeitar e ajudar os inferiores, pois têm a consciência de que um dia também já foram “faixa branca”. Essa estratégia diminui o peso de estar num nível diferente de aprendizado dos colegas. Ela também contribui para que cada um tenha como objetivo alcançar seu próximo nível (faixa), em vez de apenas focar ser o melhor da turma. (ROSSETO, 2017)

No princípio da totalidade de acordo com Neuenfeldt e Canfield (2001), o esporte não deve limitar-se a ser praticado apenas por ser praticado. Rosseto (2017) complementa afirmando que cabe ao professor estimular e não reprimir os sentimentos dos alunos, para que eles possam vivenciar por completo toda experiência de um treino mais exaustivo, todos os sentimentos durante um embate, a troca de energia com o adversário, o entendimento do volume de pressão que eles são capazes de aguentar sem render-se, além de outros variados sentimentos que esta prática proporciona.

Assim a totalidade do ser humano nas artes marciais pode ser alcançada se os praticantes conseguirem conciliar em paralelo a prática corporal com toda a filosofia marcial e as emoções da mesma, tornando-se um verdadeiro guerreiro para a vida.

O princípio agonístico é a busca obstinada pela vitória também pode prejudicar outros dois aspectos do ensino da arte marcial: a) o aspecto filosófico, que se preza sempre em detrimento da violência; b) também afeta o princípio da totalidade, visto que, por observar e buscar apenas a vitória, o aluno perde a oportunidade de vivenciar todos os aspectos do confronto. (ROSSETO, 2017)

Vale lembrar que nas artes marciais, ninguém vence ou perde, ambos aprendem, o objetivo principal não é derrubar pessoas, mas sim levantá-las, a ganância pela vitória pode atrapalhar a busca pelo autoconhecimento de todos os envolvidos.

“O princípio da ludicidade busca conceder esta liberdade para a criança brincar e expressar-se através da luta não deve ser visto como imprudência por parte do professor, ou como uma negligência no ensino da verdadeira arte marcial.” (ROSSETO, 2017) Conhecendo a turma, o professor deve estruturar sua aula direcionada para cada faixa etária específica, pois submeter crianças ao treinamento de alta intensidade e repetitivo pode tornar a aula desestimulante para alguns, o que pode levar à frustração e afastamento do indivíduo perante às artes marciais, além disso as regras não devem ser vistas como repressão da ludicidade, mas sim como forma de proteção aos participantes, ao sentimento de cooperação e à alegria de confrontar-se com os colegas.

Araújo (2017) afirma que:

As lutas são tratadas como vivências e práticas corporais difíceis de ser incluídas no espaço escolar devido à falta de espaços físicos adequados e equipamentos de segurança, pouco conhecimento técnico de professores, resistência de estudantes e, principalmente, de equipes diretivas.

O ensino das lutas não pode ser limitado a projetos de extensão como atividade extraclasse ou equipes esportivas com alunos selecionados, muito menos à modalidades mais populares. Muitos argumentam que o conteúdo pode despertar a violência no ambiente escolar, quando na realidade o oposto é o que acontece, as lutas e suas filosofias marciais acabam se tornando uma forma educativa de não-violência.

Os argumentos restritivos mais frequentemente alegados em relação à prática dos jogos de luta na escola, estão situados em três níveis: a) A prática desses jogos seria perigosa e geradora de agressividade; b) A sua realização necessitaria de um conhecimento aprofundado das técnicas de esportes de combate; c) O material indispensável à sua programação seria demasiadamente importante. (OLIVER, 2000, p. 25)

Apesar de bastante mencionado, é um equívoco afirmar que a falta de estrutura e de materiais nas escolas são fatores limitantes que explicam a negligência com o trato das lutas na escola, quando este problema pode ser contornado pelo professor se capacitado a utilizar algumas estratégias didáticas ensinadas na disciplina da graduação ou em alguns cursos extracurriculares.

Pois cultura segundo Daolio (2004, p. 2), é “a principal categoria conceitual da área de Educação Física”, o autor também cita a visão antropológica de Clifford Geertz, de Educação Física como “área que trata do ser humano nas suas manifestações culturais relacionadas ao corpo”, e não mais como “área que trata apenas do corpo e do movimento”, exclusivamente a partir da matriz dos conhecimentos biológicos. Atualmente as lutas como conteúdo da Educação Física na escola possuem o objetivo de apresentar a diversidade da cultura corporal do movimento ao estudante, fazendo-o participar de vivências diversificadas. (FERREIRA, 2012, p. 44).

“[...] pôr os alunos em contato com a cultura corporal, partindo do pressuposto de que a cultura é um patrimônio universal ao qual todo ser humano deveria ter direito”; ofertar essas vivências significa que: [...] o interesse pedagógico não está centrado no domínio técnico dos conteúdos, mas no seu domínio conceitual, na perspectiva de um saber sistematizado que supere o senso comum, inserido num espaço humano de convivência, em que possam ser vivificados aqueles valores humanos que aumentem o grau de confiança e de respeito entre os integrantes do grupo. (SBÓRQUIA; GALLARDO, 2006, p. 1).

Huizinga (1996) explica que “tanto cachorrinhos quanto crianças brincam de lutar, valendo-se de regras próprias, que limitam o uso da violência”. Segundo Huizinga (1996), é correto afirmar que “o jogo é mais antigo que a própria cultura; logo, o ato de brincar está enraizado na natureza do ser”. O professor pode utilizar jogos e brincadeiras de combate ou oposição como estratégia para que os alunos tenham aproximações das artes marciais sem participar as lutas em si; vídeos ou filmes com o conteúdo lutas e textos são opções para tratar do conteúdo, pois apesar do aluno não ter vivenciado a modalidade, pode despertar o interesse deles de buscarem a prática de artes marciais em academias especializadas. Outra possibilidade para uma maior aproximação pode ser convidar um profissional ou atleta de cada modalidade para ministrar workshops nas aulas.

“O jogo é uma categoria maior, uma metáfora da vida, uma simulação lúdica da realidade, que se manifesta, se concretiza, quando as pessoas praticam esporte, quando lutam, quando fazem ginástica, ou quando as crianças brincam”. (FREIRE; SCAGLIA, 2003, p.33).

Nesse sentido combater é agir utilizando as competências e se adaptando para tentar vencer o oponente. No decorrer das brincadeiras de lutas, a criança utiliza vários deslocamentos, apoios, manobras e movimentos motores, aperfeiçoa a atenção, o equilíbrio, os reflexos e a velocidade de execução e reação, que são qualidades de um lutador e que irão ajudar a melhorar o seu desenvolvimento. (FERREIRA, 2012, p. 58).

Também pode ser tratado em aulas teóricas ou na práxis social, a filosofia e disciplina das artes marciais conhecida como Budô, a leitura de clássicos da literatura, como a Arte da Guerra (Sun Tzu - 1983), O Caminho do Guerreiro - o Paradoxo das Artes Marciais (Howard Reid / Michael Croucher - 1983), também filmes como O Último Samurai (Edward Zwick - 2003) irão ampliar o conhecimento dos estudantes perante as artes marciais.

Partindo da ideia de que o professor de educação física não precisa ser atleta ou graduado em artes marciais para tratar desse conteúdo em suas aulas, podendo atuar com a preparação pedagógica oferecida durante a graduação na disciplina de lutas, o presente estudo

visa analisar a associação existente entre três elementos, sendo eles: a prática regular de lutas por professores de educação física e o acesso que estes professores tiveram às lutas durante a graduação com a possibilidade de estes docentes escolherem abordar as lutas em aulas de educação física.

2 METODOLOGIA

O presente estudo é um recorte de uma pesquisa quantitativa mais ampla.

Quantitativa, pois recorre à linguagem matemática para descrever as causas de um fenômeno e as relações entre variáveis. Esse tipo de pesquisa não se opõe à pesquisa qualitativa, mas a complementa, uma vez que a utilização conjunta da pesquisa qualitativa e quantitativa permite recolher mais informações do que se poderia conseguir isoladamente (GERHARDT; SILVEIRA, 2008).

Tendo como campo de pesquisa escolas públicas de Arapiraca e região circunvizinha, no Estado de Alagoas, Brasil, e como participantes professores de Educação Física dessas escolas que atuam no Ensino Fundamental I, foi constatado que as escolas em geral têm aulas de Educação Física teórica no turno regular e aulas práticas no contraturno, nenhuma delas oferta a modalidade de luta como atividade complementar. Dessa maneira, buscamos investigar a associação entre a prática regular de modalidades de luta e o acesso a esse conhecimento durante a graduação com a opção de lecionar o conteúdo lutas em suas aulas, no período do estudo os sujeitos estavam com idades entre 22 e 55 anos, sendo 33 do sexo masculino e 27 do sexo feminino, totalizando em 60 professores.

Como instrumento para a coleta de dados foi utilizado questionário fechado com questões de múltipla escolha (Apêndice B), elaborado especificamente para o estudo mais amplo, no qual esta pesquisa é parte, que pretendeu analisar fatores influenciadores para o trato com o conteúdo luta em aulas de educação física em Arapiraca e região circunvizinha (Campo Alegre, Folha Miúda, Limoeiro de Anadia, Olho d'água das flores, Taquarana, Penedo e São Sebastião). O critério de inclusão escolhido foi o fato do professor ser formado e ter aceitado participar da pesquisa, assinando o TCLE, e para exclusão foi o professor não ser formado. O roteiro do questionário recolheu dados de caracterização dos participantes: (1) ano de conclusão da graduação; (2) tipo de IES; (3) ter sido praticante de artes marciais; (4) ter contato com artes marciais como objeto de estudo na graduação; (5) tempo de atuação como professor de educação física; e (6) sexo do participante; e também dados sobre o trato com o conteúdo lutas: (1) que temas das lutas são tratados; (2) qual a metodologia utilizada pelos professores; (3) quais os recursos materiais e estruturais utilizados e disponíveis; (4) qual a forma de avaliação utilizada; (5) quais os limites e possibilidades encontrados pelos professores de Educação Física para desenvolverem o conteúdo Lutas; (6) quais os objetivos que os professores pretendem atingir com o ensino das Lutas; e (7) forma de contato com as lutas durante a graduação.

Os questionários foram preenchidos pelos professores em seus locais de trabalho sendo que alguns optaram por levá-los para casa e entregá-los em data marcada, o que pode ter influenciado em suas respostas. Os 60 professores (provável 75% da população de professores de Educação Física da região) que se dispuseram a participar foram informados sobre os objetivos e metodologia da investigação e assinaram o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) (Apêndice A), como forma de comprometimento com a pesquisa realizada.

Foram utilizadas apenas algumas variáveis ao analisar a relação de terem sido ou serem praticantes de artes marciais, os participantes da pesquisa foram distribuídos em duas categorias dicotômicas: praticantes e não-praticantes de artes marciais. Quanto ao acesso ao

conteúdo lutas durante a graduação, os participantes também foram distribuídos em outras duas categorias dicotômicas: com acesso ao conteúdo lutas na graduação e sem acesso ao conteúdo lutas na graduação. A opção de tratar ou não do conteúdo lutas em aulas de educação física foi a variável dependente, e os participantes também foram distribuídos em duas categorias: trata do conteúdo lutas e não trata do conteúdo lutas. A associação entre as variáveis independentes e a variável dependente foi feita pela aplicação do teste do qui-quadrado de Pearson. O nível de significância foi de 0,05 e a análise foi feita utilizando o JASP 14.1.

3 RESULTADOS

A Tabela 1 apresenta a frequência absoluta (n) e relativa (%), bem como o resultado do teste do qui-quadrado de Pearson, para as variáveis contato com as lutas na graduação e trato com o conteúdo luta em aulas de educação física, a amostra foi de 60 participantes.

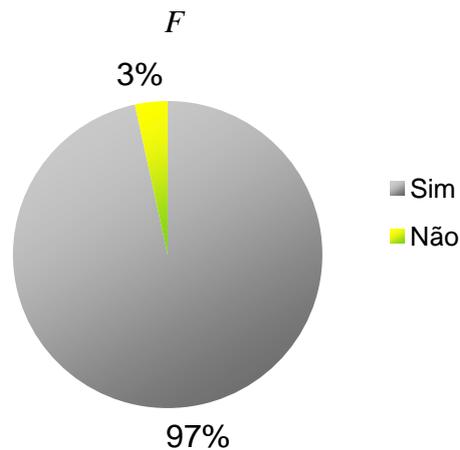
Tabela 1 - Frequência absoluta (n) e relativa (%) das variáveis contato com lutas na graduação e trato com o conteúdo luta em aulas de educação física, e resultado do teste de qui-quadrado entre as variáveis para a amostra total (n=60)

		Contato com lutas na graduação		Total	Qui-quadrado		
		Sim	Não		χ^2	df	P
Trato do conteúdo lutas em aulas de educação física	Sim	44 73,4%	1 1,6%	45 75%	0,690	1	0.406
	Não	14 23,4%	1 1,6%	15 25%			
Total		58 96,6%	2 3,4%	60 100%			

Fonte: Elaborada pelo autor (2021).

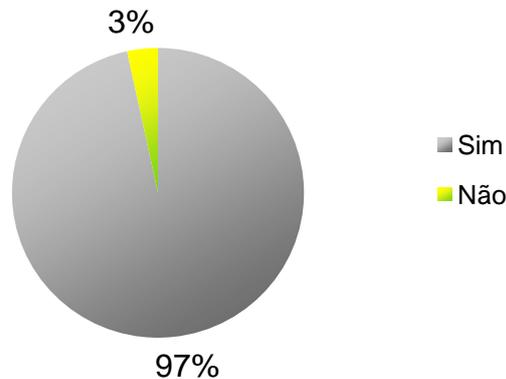
A partir dos dados finais, constata-se que apenas dois professores (3,4%) não tiveram contato com as lutas durante a graduação, entretanto 25% dos participantes indicaram não tratar com o conteúdo luta nas aulas de educação física. O resultado do teste do qui-quadrado de Pearson não apresentou associação significativa entre as variáveis ($\chi^2 = 0,690$; $df = 1$; $p > 0.406$), demonstrando que, para a amostra estudada, a opção por tratar do tema luta nas aulas de educação física não está relacionado ao contato com o tema na graduação.

Gráfico 1 - Trato com o conteúdo lutas



Fonte: O autor (2019)

Gráfico 2 – Contato com lutas na graduação



Fonte: O autor (2019)

A Tabela 2 apresenta a frequência absoluta (n) e relativa (%), bem como o resultado do teste do qui-quadrado de Pearson, para as variáveis associação entre praticantes ou não-praticantes de Artes Marciais e trato com o conteúdo luta em aulas de educação física, a amostra foi de 60 participantes.

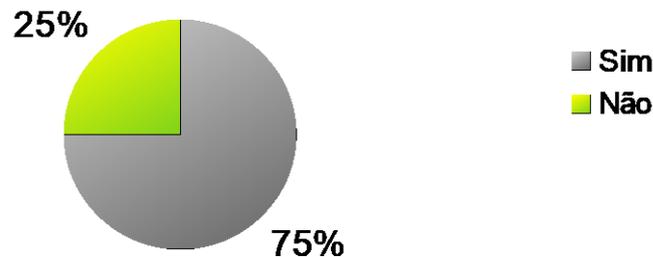
Tabela 2 - Frequência absoluta (n) e relativa (%) das variáveis praticantes ou não-praticantes de Artes Marciais e trato com o conteúdo luta em aulas de educação física, e resultado do teste de qui-quadrado entre as variáveis para a amostra parcial (n=60)

		Praticante de Artes Marciais		Total	Qui-quadrado		
		Sim	Não		χ^2	Df	P
Trato do conteúdo lutas em aulas de educação física	Sim	26 43,3%	19 31,7%	45 75%	1,429	1	0.232
	Não	6 10%	9 15%	15 25%			
Total		32 53,3%	28 46,7%	60 100%			

Fonte: Elaborada pelo autor (2021).

Gráfico 3 – Praticante de Artes Marciais

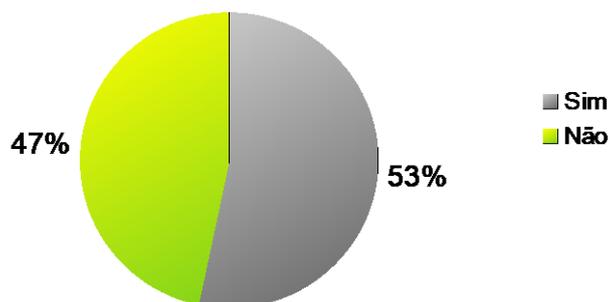
Trato com o conteúdo lutas



Fonte: O autor (2019)

Gráfico 4 – Trato com Artes Marciais

Praticante de Artes Marciais



Fonte: O autor (2019)

Através dos questionários aplicados, chegou-se aos seguintes resultados da guia investigativa: Dos 60 professores questionados, 15 (25%) afirmaram que não utilizam o conteúdo lutas em suas aulas, 9 (15%) alegaram que não ministram por falta de estrutura e material, 2 (3%) afirmaram que sentem-se despreparados, 0 (0%) por achar inviável a aplicação do conteúdo (violência, legitimação e aceitação social) e 0 (0%) por achar irrelevante na educação física, enquanto 6 marcaram “outros”. O resultado do teste do qui-quadrado de Pearson não apresentou associação significativa entre as variáveis ($\chi^2 = 1,429$; $df = 1$; $p > 0.232$).

4 DISCUSSÃO E CONCLUSÃO

Neste artigo foi abordada a importância do conteúdo de lutas como instrumento pedagógico nas aulas de Educação Física para o desenvolvimento da cultura corporal, da disciplina, da cooperação, da participação social e a afirmação de valores éticos e morais, pois ela ajuda no desenvolvimento motor, cognitivo e afetivo-social. Este artigo, por meio de sua pesquisa, revela o impacto da prática e do acesso às lutas na graduação com a opção dos docentes em ministrar aulas de lutas dentro das escolas.

Ao contrário do que o senso comum acredita, o professor de Educação Física não precisa ter nenhuma formação específica ou vivência em alguma modalidade de luta para tratar do conteúdo artes marciais e esportes de combate nas suas aulas escolares, lembrando que não pode confundir o trato pedagógico com o conteúdo lutas nas aulas de educação física com aulas de lutas em academias, onde o professor treinador mostra o movimento e os alunos devem reproduzir repetidamente com o intuito de formar um aluno atleta. Nas aulas de educação física escolar o objetivo é formar um cidadão conhecedor das lutas como elemento sócio-histórico da cultura corporal,

Cidadão que poderá: experimentar, usufruir da experiência singular de se opor em situação de combate corporal, contemplar e formar opinião em relação a estas atividades e a respeito de suas trajetórias históricas, a forma como se apresentaram no passado e se apresentam na atualidade nos diversos segmentos sociais juntamente com os significados que foram e lhe são atribuídos. (NASCIMENTO, 2008, p. 47)

Nascimento (2007) traz um relato sobre a necessidade de o professor ser especialista ou ter vivências substanciais em “lutas” para o trato do tema na Educação Física Escolar onde busca:

[...] contrapor o argumento de que o professor, para desenvolver o conteúdo de lutas na Educação Física escolar, precisa, necessariamente, ter tido vivências de lutas no seu cotidiano de vida, ou ser um especialista em alguma modalidade de luta. Será que esse requisito é um critério necessariamente indispensável? A resposta a essa pergunta não pretende ser universal, mas objetiva contribuir para a reflexão dos professores que estão inseridos nas escolas e que se sentem “despreparados” em tratar este tema. (NASCIMENTO, 2007, p. 95).

[...]Não há necessidade de termos uma especialização em uma modalidade de lutas, desde que nosso objetivo não esteja pautado na formação de atletas/lutadores, mas na produção de conhecimento nas aulas de Educação Física. Isso não quer dizer que devemos desconsiderar as contribuições dos especialistas que dedicam seus estudos a este tema. Necessitamos da reflexão coletiva entre especialistas e não especialistas para produzirmos propostas bem fundamentadas e, com isso, sistematizar novas intervenções que irão contribuir em nossa prática pedagógica e, de certa forma, evitar o distanciamento com o tema. (NASCIMENTO, 2007, p.100)

Observa-se que em países orientais como China e Coréia do Sul as lutas fazem parte da matriz escolar (LANÇANOVA, 2006). Entretanto no Brasil não se utiliza desta filosofia de inclusão das modalidades na matriz escolar, apesar de ser a capoeira uma luta que tem o nosso país como o de origem, além do jiu-jítsu brasileiro, que foi inicialmente criado no Japão, entretanto grandemente modificado pela família Grace sendo hoje considerada uma luta de criação brasileira (FERREIRA, 2006), e mesmo assim as lutas em geral acabam não sendo consideradas como conteúdos necessário e presente nas aulas de Educação Física.

Nascimento (2007), sem pretensão de se posicionar contra o futebol, percebeu por observações e denúncias, que há um predomínio da monocultura do futebol nas aulas brasileiras de Educação Física escolar e questiona se a violência se faz presente nesse ambiente, seja nas jogadas mal-intencionadas ou na comunicação entre os envolvidos.

O argumento de que certas modalidades incentivam a violência e outras não, acaba sendo relativizado, pois o que irá diferir o ambiente pacífico do violento é a forma com que a modalidade é conduzida pelo profissional, o que confirma o entendimento de Parlebas apud Belbenoit (1974, p. 114-115) de que:

[...] o desporto [ou outro tema] não possui nenhuma virtude mágica. Ele não é em si nem socializante nem anti-socializante. É conforme: ele é aquilo que se fizer dele. A

prática do judô ou do rãguebi pode formar tanto patifes como homens perfeitos preocupados com o fair-play.

Ao contrário do esperado, pôde-se concluir que a prática regular ou o acesso às lutas na graduação não causaram impacto significativo na opção dos professores de educação física de Arapiraca e da região circunvizinha, pois foram registradas algumas contradições de professores que tiveram acesso às lutas na graduação e não tratam do conteúdo em suas aulas, e outros que não foram praticantes, mas abordam o tema em suas aulas, entretanto a maioria dos questionados alegaram que tratam do tema lutas

Com esta explanação, foi possível identificar por meio do teste Qui-quadrado, que apesar de existir uma crença de que apenas praticantes de Artes Marciais ministram aula de lutas, os resultados obtidos mostram que não houve nenhuma evidência que o fato do professor ser praticante esteja relacionado na escolha das temáticas para as aulas de Educação Física, torna-se importante perceber que o conteúdo lutas está sendo reconhecido como necessário pelos professores de Arapiraca e região, pois estão cientes da relação das lutas com a promoção à saúde, aprimoramento de habilidades e capacidades físicas, ampliação da cultura corporal e dos valores éticos e morais. Em relação às porcentagens apresentadas, podemos afirmar que os professores, mesmo não sendo praticantes regulares de Artes Marciais ou tido acesso às lutas durante a graduação, em sua grande maioria tratam o tema lutas em suas aulas.

Ao final da análise foram percebidas algumas limitações na pesquisa que servirão de aprendizado para trabalhos futuros, sendo elas, o fato de não terem sido exploradas as respostas negativas sobre os professores que afirmam não trabalhar com lutas, o questionário não ser tão abrangente a ponto de coletar mais informações sobre os professores que não lutam mas alegam que sabem dar aula, não foi explorada uma possível variável sobre a relação de professores que são praticantes e também tiveram contato com as lutas na graduação e além disso nesse estudo não foi questionado a metodologia utilizada pelos que afirmam que dão aula com o tema lutas.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, S. N.; ROCHA, L. O.; BOSSLE, F. Os conteúdos de ensino da Educação Física escolar: um estudo de revisão nos periódicos nacionais da área 21. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 29, p. 205-221, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2017v29n51p205>. Acesso em: 14 nov. 2021.

BELBENOIT, Georges. **O desporto na escola**. Lisboa: Estampa, 1974.

CARREIRO, Eduardo Augusto. **Educação Física na Escola: Implicações para prática pedagógica**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005. CAZETTO, Fabiano Filier. **A influência do Esporte Espetáculo sobre o modelo de competição dos mais jovens no judô**. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009. Disponível em: <file:///C:/Users/Gerlane%20Farias/Downloads/CAZETTOFabianoFilier.2009.AinflunciadoEsporteEspetculosobreomodelodecompetidosmaisjovensnojud.pdf>. Acesso em: 28 out. 2021.

DAOLIO, Jocimar. **Educação Física e o conceito de cultura**. Campinas: Autores Associados, 2004. p. 77. Disponível em:

<https://www.intaead.com.br/ebooks1/livros/ed%20fisica/06.%20Educa%E7%E3o%20F%EDsica%20e%20o%20Conceito%20de%20Cultura.pdf> Acesso em: 10 out. 2021.

DARIDO, S.C. **Os conteúdos da educação física escolar: influências, tendências, dificuldades e possibilidades. Perspectivas em Educação Física Escolar**, Niterói, v. 2, n.1 (suplemento), 2001. Disponível em: <https://docplayer.com.br/54588506-Os-conteudos-da-educacao-fisica-escolar-influencias-ten-dencias-dificuldades-e-possibilidades.html>. Acesso em: 10 out. 2021

DARIDO, S.C; RANGEL. I. C.. **A Educação Física na escola, implicações para a prática pedagógica**, Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 20011. Disponível em: <https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/41547/4/01d19t01.pdf>. Acesso em: 10 out. 2021.

FERREIRA, Heraldo Simões. As lutas na educação física escolar - parte do bloco de conteúdos... na prática ou apenas no papel? ENCONTRO DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA DA UNIVERSIDADE DE FORTALEZA, 5.,2005, Ceará. **Anais [...]** Ceará: Universidade e Fortaleza, 2005.

FERREIRA, Heraldo Simões. As lutas na educação física escolar. **Revista de Educação Física**, n.135, p. 36-44, nov. 2006. Disponível em: <https://universoeducar.files.wordpress.com/2011/06/lutas.pdf>. Acesso em: 23 set. 2021.

FERREIRA, Heraldo Simões. **A utilização das lutas como conteúdo das aulas de Educação Física**. EFDeportes (Revista Digital), Buenos Aires, ano 13, n. 130, mar. 2009.

FERREIRA, Heraldo Simões. **Ensino de lutas na escola. v 4**. Ceará: Fortaleza, 2012. Acesso em: 19 set. 2021.

FREIRE, J. B.; SCAGLIA, A. J. **Educação como Prática Corporal**. São Paulo: Scipione, 2003.

FROSI, Tiago Oviedo. **História do Karate-Do**. Curso de Extensão em Karate-Dō - UFRGS: Porto Alegre. 2018. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/63142>. Acesso em: 25 mar. 2020.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. **Métodos de Pesquisa**. 2008. (Desenvolvimento de material didático ou instrucional - Apostila). Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2020.

HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens**. São Paulo: Editora Perspectiva S.A., 2000. Disponível em: http://jnsilva.ludicum.org/Huizinga_HomoLudens.pdf Acesso em: 29 set. 2021.

LANÇANOVA, Jader Emilio da Silveira. **Lutas na Educação Física Escolar: alternativas pedagógicas**. 2006. 70 f. Monografia (Licenciatura em Educação Física) - Universidade da Região da Campanha, Alegrete, 2006. Disponível em: <https://docplayer.com.br/3067467-Lutas-na-educacao-fisica-escolar-alternativas-pedagogicas-jader-emilio-da-silveira-lancanova-resumo.html>. Acesso em: 25 mar. 2020.

LEE, Bruce. **O Tao do Jet Kune Do**. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2003. Disponível em: <https://pt.scribd.com/doc/315495615/bruce-lee-o-tao-do-jeet-kune-do-portugues-pdf>. Acesso em: 10 jun. 2020.

MARTINS, C. J. ; KANASHIRO, C. . **Bujutsu, Budô, esporte de luta**. Motriz : Revista de Educação Física (Online) , v. 16, p. 638-648, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/motriz/a/sg8CZhSZgrJKTPfrhyK8w8g/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 29 nov. 2021.

MOREIRA, S. M. **Pedagogia do Esporte e o Karatê-dô**: Considerações acerca da iniciação e da especialização esportiva precoce. Dissertação (Mestrado em Educação Física) FEF, Unicamp, 2003. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/EDUCACAO_FISICA/dissertacao/Moreira_Dissertacao.pdf. Acesso em: 02 nov. 2021.

NASCIMENTO, Paulo Rogério Barbosa do; ALMEIDA, Luciano de. **A tematização das lutas na Educação Física Escolar**: restrições e possibilidades. Revista Movimento, Porto Alegre, v. 13. n. 03, p. 91-110, setembro/dezembro de 2007. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/3567>. Acesso em: 14 out. 2021.

NASCIMENTO, Paulo Rogério Barbosa do. **Organização e trato pedagógico do conteúdo de lutas na Educação Física Escolar**. Motrivivência, ano 20, n. 31, p. 36- 49, 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/download/2175-8042.2008n31p36/12950/43553>. Acesso em: 28 ago. 2021.

NEUENFELDT, Derli Juliano. **Esporte, Educação Física e Formação Profissional**. Lajeado: UNIVATES, 2008.

NEUENFELDT, Derli Juliano; CANFIELD, Marta Sales. Repensando o esporte na educação física escolar a partir de Cagigal. **Movimento**, Porto Alegre, p. 28-36, 2001. Disponível em: <https://www.univates.br/bdu/bitstream/10737/1844/1/2017MarceloRossetto.pdf>. Acesso em: 12 nov. 2021.

OLIVER, J. C. **Das Brigas aos jogos com regras**: enfrentando a indisciplina na escola. Porto Alegre: Artes Médicas Sul. 2000.

REID, H. CROUCHER, M. **O Caminho do guerreiro, o paradoxo das artes marciais**, São Paulo. Cultrix, 2000.

ROSSETO, Marcelo. **O ensino de artes marciais para crianças**: uma proposta pedagógica. 2017; - Universidade do Vale do Taquari – UNIVATES; Disponível em: <http://univates.br/revistas/index.php/destaques/article/view/1509>. Acesso em: 24 out. 2021.

SBÓRQUIA, S.P.; GALHARDO, J.S.P. **A dança no contexto da Educação Física**. Ijuí, RS: Ed. Unijuí, 2006. 120 p. Disponível em: http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/producoes_pde/artigo_cristiane_apa_recida_freire_ferreira.pdf. Acesso em: 11 set. 2021

SEYBOLD, Annemarie. **Educação Física princípios pedagógicos**. Rio de Janeiro: Editora Ao Livro Técnico, 1994.

SUGAI, V. L. **O caminho do guerreiro**: a contribuição das artes marciais para o equilíbrio físico e espiritual. São Paulo: Editora Gente, 2000.

**APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E
ESCLARECIDO (TCLE)**

(Em 2 vias, firmado por cada participante-voluntário(a) da pesquisa e
pelo(a) responsável)

“O respeito devido à dignidade humana exige que toda pesquisa se processe após consentimento livre e esclarecido dos sujeitos, indivíduos ou grupos que por si e/ou por seus representantes legais manifestem a sua anuência à participação na pesquisa.” (Resolução. nº 196/96-IV, do Conselho Nacional de Saúde)

Eu, _____, tendo sido convidado(a) a participar como voluntário(a) do estudo **“Limites e possibilidades para o trato pedagógico com o conteúdo lutas em aulas de educação física da rede pública de ensino fundamental de Arapiraca”**, recebi do(a) Sr(a).

_____, acadêmico(a) do curso de Educação Física Licenciatura da Universidade Federal de Alagoas – *Campus* Arapiraca (matrícula nº _____), responsável por sua execução, sob orientação do docente Prof. Me. Bruno Barbosa Giudicelli (Siape 2611109), as seguintes informações que me fizeram entender sem dificuldades e sem dúvidas os seguintes aspectos referentes a minha participação:

- Que o estudo se destina a identificar os limites e possibilidades para o trato pedagógico com o conteúdo lutas em aulas de educação física na rede pública de ensino fundamental de Arapiraca;
- Que um dos alvos do estudo é verificar os objetivos, conteúdos, metodologias e estratégias de avaliação de ensino- aprendizagem do conteúdo luta, e os espaços e equipamentos utilizados;
- Que a investigação também se destina a conhecer os motivos que inviabilizam o trato pedagógico com o conteúdo luta;
- Que o estudo será feito da seguinte maneira: primeiro o(a) possível participante receberá o presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para ler e esclarecer quaisquer dúvidas que surjam. Caso concorde em colaborar com o estudo, o(a) agora participante assinará o TCLE e responderá às perguntas do questionário elaborado para coleta de dados nesta investigação;
- Que a participação da pesquisa não gerará incômodos psicológicos ou físicos e que não há risco à saúde física e mental dos participantes;
- Que, sempre que desejar, serão fornecidos esclarecimentos sobre cada uma das etapas do estudo.

- ☐ Que a qualquer momento o(a) participante pode recusar-se a continuar participando do estudo e, também, poderá retirar o consentimento dado anteriormente, sem que isso traga qualquer penalidade ou prejuízo.
- ☐ Que as informações prestadas pelo participante não permitirão sua identificação, exceto aos responsáveis pelo estudo, e que a divulgação das mencionadas informações somente será feita através de publicações científicas, sem a identificação do participante.
- ☐ Que o participante não será indenizado por qualquer despesa que venha a ter com a participação nesse estudo e, também, que não será indenizado por danos acidentais que venha a sofrer durante a participação;

Finalmente, tendo eu compreendido perfeitamente tudo o que me foi informado sobre minha participação no estudo e estando consciente dos meus direitos, das minhas responsabilidades, dos riscos e dos benefícios implicados, concordo em dele participar e para isso eu DOU O MEU CONSENTIMENTO SEM QUE PARA ISSO EU TENHA SIDO FORÇADO OU OBRIGADO.

Endereço do(a) participante:

Domicílio (rua, praça, conjunto): _ Complemento (Bloco, nº, apto): _ CEP:.
 Bairro:Cidade:
 Telefone: (82). E-mail:

Nome e endereço do responsável pela pesquisa (OBRIGATÓRIO):

Bruno Barbosa Giudicelli
 Contato: (82) 3482-1843 e-mail: bruno.giudicelli@arapiraca.ufal.br

Universidade Federal de Alagoas - *Campus* Arapiraca - Av. Manoel Severino Barbosa,
 Bairro: Bom Sucesso, Arapiraca

ATENÇÃO: Para informar ocorrências irregulares ou danosas durante a sua participação no estudo, dirija-se ao: Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Alagoas: Prédio da Reitoria, sala do COC, Campus A. C. Simões, Cidade Universitária Telefone: 3214-1041

Arapiraca, ____ de ____ de 20__.

	
Assinatura ou impressão datiloscópica do(a) participante (Rubricar as demais folhas)	Assinatura do responsável pelo estudo (Rubricar as demais páginas)

1 – A sua formação em Educação Física envolveu o conteúdo lutas?

- a Sim.
- b Não.

2 – Em caso positivo, como? (Mais de uma)

- a Oficinas.
- b Disciplina específica do curso.
- c Projeto(s) de extensão.
- d Projeto(s) de pesquisa.
- e Outro(s).

3 – Você trabalha o conteúdo lutas na escola?

- a Sim.
- b Não.

4 – Em caso positivo, por qual motivo? Qual seu principal objetivo? (Apenas uma alternativa)

- a Promoção da saúde.
- b Aprimoramento de habilidades e capacidades físicas
- c Ampliação da cultura corporal.
- d Valores éticos e morais
- e Outro(s).

5 - Em caso negativo, por quê? (Mais de uma)

- a Déficit estrutural no ambiente de trabalho (materiais, espaços, segurança etc.)
- b Não me sinto preparado ou confiante
- c Não acha viável a aplicação do conteúdo (violência, legitimação e aceitação social etc.)
- d Não é relevante na educação física
- e Outro(s).

6 – Você teve experiências sobre lutas e/ou artes marciais fora da formação em Educação Física?

- a Sim.
- b Não.

7 – Em caso positivo, qual(is)?

- a Judô
- b Karatê.
- c Jiu-jitsu.
- d Capoeira
- e Outro(s).

X – Por quanto tempo (meses)? _____

8 – Quais materiais você costuma utilizar na prática pedagógica do conteúdo lutas? (Mais de uma)

- a Tatame.
- b Sacos de pancada.
- c Materiais alternativos (reciclados, improvisados etc.).
- d Não utiliza.
- e Outro(s).

9 – Como você avalia a aprendizagem do conteúdo lutas? (Mais de uma)

- a Avaliação escrita.
- b Avaliação prática.
- c Seminários.
- d Frequência durante as aulas.
- e Outro(s).

IDENTIFICAÇÃO:

Ano em que se formou: _____

Instituição em que se formou: _____

Idade: _____

Tempo de atuação na área: _____

Sexo: () Masculino () Feminino